



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
LICENCIATURA EM LETRAS**

FRANCISCA ANDRÉA MINÔ DE ARAUJO

**AMOR E MORTE: UMA LEITURA DA PULSÃO EM “O PERFUME”, DE PATRICK
SÛSKIND**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

FRANCISCA ANDRÉA MINÔ DE ARAUJO

AMOR E MORTE: UMA LEITURA DA PULSÃO EM *O PERFUME*, DE PATRICK SÜSKIND

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso, no curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa.

Área de concentração: Teoria da Literatura.

Orientadora: Prof. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663a Araujo, Francisca Andrea Mino de.
Amor e morte [manuscrito] : uma leitura da pulsão em "O perfume", de Patrick Süskind / Francisca Andrea Mino de Araujo. - 2019.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Emoção. 3. Personalidade. 4. Narrativa. I. Título

21. ed. CDD 801.95

FRANCISCA ANDRÉA MINÔ DE ARAUJO

AMOR E MORTE: UMA LEITURA DA PULSÃO EM "O PERFUME", DE PATRICK
SÛSKIND

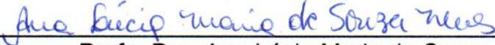
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Letras –
Língua Portuguesa da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em: 17 / 06 / 2019.

BANCA EXAMINADORA



Nota: 10,0
Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0
Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média 10,0

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Aparecida (*in memoriam*), que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis e incentivou a seguir meus sonhos.

“O que se faz por amor se faz além do
bem e do mal.”

Friedrich Nietzsche

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. Inconsciente e consciência.....	09
2.1 Mal-estar e repressão.....	10
2.2 O Eu e o Id.....	12
3. Os instintos e suas vicissitudes.....	13
3.1 Princípio de prazer, de realidade, de nirvana & outros.....	15
3.2 Pulsão de vida e de morte.....	19
3.3 Trauma da rejeição.....	20
3.4 O matador, suas vítimas e as essências.....	21
3.5 A divindade Grenouille.....	22
3.6 Dicotomia do perfume: os desejos perigosos.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5. REFERÊNCIAS.....	29

AMOR E MORTE: UMA LEITURA DA PULSÃO EM “O PERFUME”, DE PATRICK SÜSKIND

Francisca Andréa Minô de Araujo¹

RESUMO

O presente trabalho é uma análise literária e psicanalítica de cunho bibliográfico, acerca da personalidade do protagonista Jean-Baptiste Grenouille, da obra O perfume ([1985] 2010) de Patrick Süskind. Grenouille é um jovem nascido em Paris, no século XVIII, sob as piores circunstâncias possíveis, dado como morto por sua própria mãe e jogado em meio aos peixes do mercado público. Tem um olfato aguçado e um talento para a perfumaria, porém não tem odor próprio, como qualquer ser humano. Neste artigo, analisaremos seus conflitos com o meio social e consigo próprio, tomando como ponto de partida o objeto de desejo que move o personagem, um perfume, que tem como base os odores de jovens mulheres, cujas características em comum resultam numa espécie de aura personalística sublime, elemento fundamental e insubstituível para a receita do perfume reputado por Grenouille como perfeito. No afã de conseguir essa essência, Grenouille mata tais mulheres. Porém, o que ele busca de fato é a) a personalidade que falta em si, um “odor próprio” diferenciador, do qual ficou privado pela ausência das primeiras experiências afetivo-sensoriais oriundas do contato físico com a mãe após o nascimento, fato que redundou numa espiral de rejeição e abandono pela vida afora; e b) o controle sobre as emoções dos outros em relação a si, evitando a rejeição, a indiferença e o abandono e, ao mesmo tempo, vingando-se não só da sociedade que o despreza, mas da mãe que o destina ao lixo, logo ao nascer. Dessa forma, Grenouille apresenta-se como fundamentalmente carente e adoecido em sua afetividade, traços que se revelam no conflito entre desejar a sublimidade e, ao mesmo tempo, afogar-se na abjeção, maravilhado de sua conquista – o odor perfeito, controlador da natureza humana – e, paradoxalmente, horrorizado e enojado de si mesmo, pelo abismo de perversão em que mergulhou. Para examinar esses aspectos, tomamos como base os conceitos freudianos de pulsão, repressão, instintos, ideal do ego e sublimação.

Palavras-chave: Perfume. Emoções. Personalidade. Narrativa.

ABSTRACT

This paper is a bibliographic psychoanalytic literary analysis about the personality of Jean-Baptiste Grenouille, the main character of the novel Perfume ([1985] 2010), by Patrick Süskind. Grenouille is a young man born in the XVIII century Paris, under the worst conditions possible, considered dead by his mother and then discarded among rotten fish at the public market. He has an unborn sharp sniff and a talent for perfumery, but what lacks to him as a smell of his own, like every human being else.

In this article, we will reflect on his conflicts with himself and the world, taking as a starting point his central object of desire, a perfume based on the particular body smells of young women whose common characteristics result in a sublime personal aura, a fundamental and non-replaceable element for the recipe that Grenouille claims as perfect. Struggling to get this essence, he kills those women. Nevertheless, what he really seeks for is a) the missing personality in him, a “peculiar smell” from which he was deprived due to the absence of the very first affective-sensory experiences between mother and baby in childbirth, a fact that brought up a spiral of rejection and abandonment for life; and b) the control over the emotions of others towards him, thus avoiding rejection, indifference and abandonment, as he takes revenge not only on the society that despises him, but on the wicked mother who sends him to garbage just as birth. Therefore, Grenouille appears as fundamentally needy and affectively sick. Such traces become evident through his conflict between craving sublimity and paradoxically drown in abjection simultaneously astonished and disgusted with his achievement – the perfume capable of controlling human nature. To examine these aspects, we took as a base the Freudian concepts of drive, repression, instincts, ego ideal and sublimation.

Key words: Perfume. Emotions. Personality. Narrative.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar um personagem de uma obra literária sob a perspectiva psicanalítica não nos traz apenas uma reflexão sobre sua personalidade, mas também sobre como é a sociedade em que ele vive, nos revelando muitas vezes quais são os fatores que o afetam. Tais conceitos, por mais que sejam mostrados através de uma obra literária, também faz com que possamos refletir sobre o quão os fatos da obra são pertinentes à realidade. E *O perfume* acaba nos trazendo, além de um protagonista com uma personalidade peculiar, também nos mostra várias situações bem comuns aos dias atuais, mesmo se tratando de ficção e se passando numa época e espaço diferente do nosso.

Este livro narra a vida de um jovem que tem um talento inato para distinguir os mais diversos tipos de odores, até os mais impossíveis que um ser humano normal possa sentir, porém há uma peculiaridade ainda maior nele, não possuir um cheiro próprio inerente a todo ser humano. Grenouille, nosso personagem foco de análise deste trabalho, nasceu numa rua de Paris no século XVIII, na qual se localizava uma feira de peixes e um cemitério em estado deplorável. Ao nascer, sua mãe supôs que Grenouille havia morrido no parto, e assim ela não pensou duas vezes: jogou sobre um amontoado de peixes. Porém, o menino estava vivo e chorou, provocando a revolta dos que estavam por perto e assim, sua mãe foi condenada à forca.

Mas o abandono não só ocorreu por ocasião do seu nascimento, por parte da sua mãe e de todos aqueles a quem ele era dado em adoção, mas durante toda a sua vida. Grenouille acaba passando por diversas situações extremas, como humilhação, submissão e questões existenciais, além de lidar com a desigualdade social e a hipocrisia daqueles com quem convivia. O seu talento para a perfumaria acaba servindo como uma válvula de escape para seus conflitos, e assim, tornando-o cada vez mais obcecado pelo mundo dos odores, sobretudo o odor humano, que lhe causa nojo, e ao mesmo tempo encanto. Porém, essa obsessão aumenta mais ainda quando, andando pelas ruas de Paris, depara-se com um cheiro diferente, numa jovem. Esse cheiro lhe causa uma espécie de êxtase, a ponto de chegar a persegui-la e matá-la, supostamente, sem intenção de fazê-lo. O cheiro da jovem tem um efeito tão grande sobre si, que ele tenta retê-lo, porém sem sucesso, fica apenas na sua memória, e assim começa sua trajetória para transformá-lo no melhor perfume do mundo, com o poder de induzir as pessoas a amá-lo. No entanto, para que pudesse realizar seu desejo, ele precisaria matar, mas não qualquer pessoa, e sim jovens com as mesmas características de sua primeira vítima, tanto olfativas como físicas. Ele então se torna um assassino em série, matando cerca de vinte e cinco moças, com as tais características, tendo entre catorze e dezesseis anos, virgens e ruivas. Este jovem, como se pode perceber, revela-se um sujeito diferente dos padrões pré-estabelecidos como “normais” para a vida em sociedade. Isto traduz o cerne do seu conflito consigo mesmo e com os outros, pois nada na sua existência o qualifica para viver as experiências que ele, ao mesmo tempo que deseja, despreza, porque peculiares aos seres humanos que ele execra. *O perfume*, abarcando tais questões, é uma obra que sabiamente nos conduz a refletirmos, não só sobre a mente, mas também, sobre as relações humanas e sua complexidade.

Para que possamos tomar melhor posicionamento acerca do personagem, buscamos fazer uma análise bibliográfica, procurando nos basear em estudos da

literatura e da psicanálise freudiana, utilizando, as teorias da pulsão, da repressão, dos instintos, do ideal do ego e da sublimação.

2. Inconsciente e Consciência

Freud divide o aparelho psíquico em consciente e inconsciente para compreender melhor os processos patológicos da psique. Alguns desconsideram a ideia de que o consciente faça parte da vida psíquica, pois ele se mostra de uma forma perceptiva imediata, sem causar nenhum tipo de problema na vida mental do indivíduo:

“Estar consciente” é em primeiro lugar, uma expressão puramente descritiva, que invoca a percepção imediata e segura. A experiência nos mostra, em seguida, que um elemento psíquico - por exemplo, uma ideia - normalmente não é consciente de forma duradoura. É típico, isto sim, que o estado de consciência passe com rapidez; uma ideia agora consciente não é mais no instante seguinte, mas pode voltar a sê-lo em determinadas condições fáceis de se produzirem. (FREUD, S.[1923], 1996. XIX, pp. 27-28)

Pelo fato do consciente ser uma região, digamos, mais acessível da mente, onde se pode obter acesso mais direto à camada mais superficial das memórias, pode-se pensar que ele não faz parte do aparelho psíquico. Freud refuta essa ideia, e mostra que até mesmo o inconsciente pode tornar-se consciente, basta um estímulo para isto. Podemos tomar como exemplo quando sentimos um medo irracional e não sabemos a sua origem, aparentemente injustificável. Porém, pode-se estimular o inconsciente, através de um processo de regressão, e acessar a memória que se encontra oculta, tornando-a consciente e descobrindo a causa do medo. A esse tipo de memória Freud chama de *latente*. De difícil acesso, demanda esforço para debelar a resistência que o ego impõe para o seu ressurgimento; afinal, alguma razão deve ter havido para que fosse reprimida.

A primeira tópica do aparelho mental, lançada em *O ego e o id* (1923), mapeia três sistemas operacionais: o *consciente* (Cs), o *pré-consciente* (Pcs) e o *inconsciente* (Ics). O sistema consciente ou simplesmente o *consciente*, como é mais conhecido, designa o ego (= Eu), responsável pela vida de relação e pelo inter-relacionamento entre os outros sistemas:

Formamos a ideia de uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa e a denominamos o Eu da pessoa. A este Eu liga-se a consciência, ele domina os acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo é a instância psíquica que exerce controle sobre todos os seus processos parciais que à noite dorme e ainda então pratica a censura dos sonhos. (FREUD, 1923, p. 35).

Entende-se que o ego, de certa forma, coordena os outros sistemas psíquicos, agindo como um filtro, em que apenas se pode ter acesso ao que lhe convém. Porém, nem sempre consegue agir de forma a manter o controle, encontrando ou impondo resistência. Freud afirma que aquilo que é inconsciente no ego comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce consideráveis efeitos

sem se tornar consciente, para o que requer trabalho complexo, paciente e metucioso(FREUD, S. [1923] 1996, XIX, p. 36).

2.1. Mal-estar e repressão

Em *O mal-estar na civilização* (1930-1936), Freud afirma que o homem comum, sempre em busca de um sentido para viver, vale-se de paliativos para o desconforto da condição humana, tais como religião, arte, ciência e beleza. Todos, na verdade, destinam-se à obtenção da felicidade.

Na religião, o homem procura comunhão com o Pai, o mundo e com os outros, seus irmãos da família humana. Vivencia então um sentimento de acolhimento paternal e de pertencimento, sente-se protegido, perdoado de seus maus atos e confortado pela possibilidade de viver a tranquilidade numa outra vida, sem os desprazeres da vida terrena. Este sentimento, que Freud chama de *oceânico*, é de natureza infantil: o homem, como um menino, precisa da companhia dos irmãos, da estabilidade da família e da proteção do pai para enfrentar e vencer os infortúnios da vida. A efetividade desse sentimento é de caráter subjetivo:

Seria um fato puramente subjetivo, não um artigo de fé; não traz qualquer garantia de sobrevivência pessoal, mas seria fonte de energia religiosa de que as diferentes igrejas e sistemas de religião se apoderam, conduzem por determinados canais e também dissipam, sem dúvida. (FREUD, S. XXI, 1996, p.73).

O sentimento religioso reflete um instinto primitivo do ego em relação ao mundo externo. Diz Freud: “O bebê lactante não separa seu Eu do mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevêm. Aprende a fazê-lo em resposta a estímulos diversos” (p. 75). Assim sendo, o homem precisa de um objeto com o qual estabeleça algum vínculo afetivo para evitar a dor e o desprazer.

A religião funciona como uma proteção contra si mesmo. Influenciado por ela, o homem passa a acreditar que as coisas do mundo externo lhe causarão problemas; para evita-los, deve buscar o apoio do Pai e a união daqueles que com ele compartilham a mesma crença e a mesma condição existencial. Ser um com o universo, aponta Freud, é o conteúdo ideativo do sentimento religioso, tentativa inicial de consolação pela escolha de um caminho que negue o perigo que o ego pressente a ameaçá-lo no mundo exterior. Mas, é de fato possível fugir da dor?

Existem, segundo Freud, três saídas para a dor: desistir do desejo, usar um prazer substituto ou fugir da frustração. Desistir do desejo é o objetivo da filosofia e de algumas religiões; um prazer substituto podem ser a ciência e as realizações artísticas, o prazer do espírito. A fuga da realidade através da loucura cria um mundo interior, assim como o faz o delírio coletivo, representado pela religião. A fuga através das drogas embota a capacidade do sujeito de sentir o sofrimento, tanto físico como espiritual. Segundo Freud, todos usamos no decorrer da vida algumas dessas soluções.

O amor, continua ele, pode ser uma das formas mais eficientes de realização do desejo. Encontrar um(a) parceiro(a) consistiria num meio bastante efetivo para superar frustrações e atender aos nossos impulsos instintivos básicos. Certas formas de superar o sofrimento seriam procuradas pelas pessoas narcísicas,

voltadas para a autorrealização. Outras atenderiam às que, no movimento oposto, buscam realização através das suas relações com os outros.

Todas as formas de superar o sofrimento têm graves desvantagens. O amor torna-se dor com a perda do parceiro. A realização artística ou científica depende de talentos individuais. A religião infantiliza permanentemente o crente. As drogas legais e ilegais cobram seu preço nos efeitos colaterais que geram degradação física. Felicidade, diz Freud, é a realização imediata de um impulso instintivo. Nada a supera, mas nunca dura.

O sentimento de culpa que nos assoberba diante da nossa insuficiência emocional seria o mal-estar da cultura, o preço de vivermos em sociedade, reprimindo a sexualidade e a agressividade. Sob esta ótica, o mal-estar é estrutural, próprio dos processos de organização do psiquismo do homem, do fato de ele existir, de ser, pois ele só pode ser e existir como homem dentro da civilização. A existência humana é problematizada por não mais ser natural. Em relação a ela, as leis da natureza são substituídas pelas leis da cultura. Na pulsão destrutivo-agressiva, advinda da pulsão de morte, reside o maior perigo à civilização. Além da identificação e das relações amorosas, a única forma de contornar, controlar e reprimir a agressividade humana é através do processo de sua internalização.

No ensaio *A repressão*, publicado em 1915, Freud discute uma das pedras angulares da constituição da civilização. A repressão é um dos mecanismos de defesa do ego, que visa a mantê-lo protegido de estímulos prejudiciais do mundo externo. Quando, em razão de exigências contrárias, a satisfação de um instinto pode causar mais desprazer do que prazer, o ego tende a reprimir o impulso instintual, submetendo-o a uma rejeição do consciente.

A repressão desenvolve-se em dois estágios: o primeiro, ou primordial, consiste numa idéia que representa um instinto e tem seu acesso à consciência negado. A partir daí, e este é o segundo estágio, derivados psíquicos e pensamentos associados a esta ideia passam a ser reprimidos. Podem, ainda, permanecer conscientes se estiverem suficientemente distanciados do conteúdo psíquico reprimido por cadeias associativas intermediárias. Desta forma, a atração do que primordialmente foi reprimido e sua repulsão do consciente são as duas forças opostas e complementares necessárias ao processo de repressão.

Buscando compreender a repressão através de seus sintomas, Freud volta-se para o estudo das psiconeuroses, como a neurose de angústia, de conversão e a neurose obsessiva. Na neurose de angústia, podemos observar que um impulso libidinal, tendo o seu objeto transformado em angústia, passará a ser reprimido. Ao mesmo tempo, outro objeto que tenha qualquer ligação com o primeiro, passa a ser o motivo de angústia. É o que se verifica com Grenouille, quando projeta a mãe má e traiçoeira nas moças que ele assassina. O que ocorre, na verdade, é um deslocamento do sentimento de angústia para outro objeto e não a eliminação da dor. No trecho abaixo, Freud toma a figura paterna para retratar o mesmo processo:

O impulso instintual sujeito à repressão é uma atitude libidinal frente ao pai, acompanhada da angústia da relação. Depois da repressão, esse impulso desapareceu da consciência, o pai já não aparece mais como objeto da angústia. A formação substitutiva da parte ideativa [da representante instintual] realizou-se pela via do deslocamento ao longo de uma cadeia de relações determinadas de certa maneira. A parte quantitativa não desapareceu, mas sim converteu-se em angústia. (FREUD, S. [1915] 2010, p. 70).

Na neurose de conversão, o conteúdo ideativo, isto é, o conteúdo psíquico, o afeto ou o reprimido, desaparece completamente. É retirado da consciência pelo ego e substituído por sintomas corporais – ou melhor, é neles convertido. Um sintoma físico como, por exemplo, claustrofobia, gagueira, mudez pós-traumática, paralisia pós-traumática, etc., pode ser indicativo do que foi banido para o inconsciente:

O conteúdo ideativo da representante instintual é radicalmente subtraído à consciência; como formação substitutiva – e ao mesmo tempo como sintoma – se encontra uma inervação muito acentuada – somática, em casos exemplares -, ora de natureza sensorial, ora motora, como excitação ou inibição. (FREUD, S. [1915] 2010, p. 71).

Na neurose obsessiva, caso em que melhor se enquadra Grenouille, ocorre uma formação reativa, e o afeto transforma-se em sádico. O processo repressivo fracassa e o indivíduo cai em constante angústia. Freud afirma que o afeto desaparecido volta transformado em angústia social, consciencial e recriminação desmedida. Através de deslocamento, a ideia barrada no consciente é substituída por outra, diferente, mas que mantenha intacta a ideia reprimida (FREUD, S. [1915] 2010, p. 72).

2.2. O Eu e o Id

O Eu, ou ego, constitui a parte predominantemente consciente da nossa mente, através da qual nos relacionamos diretamente com o mundo exterior. O id integra predominantemente o inconsciente, manifestando-se através dos atavismos dos instintos e das pulsões. Como se pode ver, esses sistemas acabam se mostrando ambíguos, no sentido de que o Eu pode se tornar inconsciente e o id consciente, isto é, o Eu, por um mecanismo de resistência, pode ser reprimido, tornando-se, assim, inconsciente; o Id, por sua vez, pode tornar-se consciente a partir do momento em que se tem acesso aos resíduos de memórias, através de representações verbais ou visuais que algum dia foram percepções conscientes. Esses traços são explicados abaixo:

Os resíduos verbais derivam essencialmente de percepções acústicas, de modo que ao sistema *Pcs*, é dada como que uma origem sensorial especial. Pode-se inicialmente ignorar os componentes visuais da representação verbal como secundários, adquiridos mediante a leitura, e assim também seus acompanhamentos motores, que, exceto no caso de surdos-mudos tem o papel de sinais auxiliares. A palavra, é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida[...]. Mas não podemos, em nome da simplificação, esquecer a importância dos resíduos mnemônicos óticos – das coisas – ou negar que é possível, e em muitas pessoas parece ser privilegiado, que os processos de pensamento se tornem conscientes mediante aos retornos visuais. (FREUD, 1923, p. 34).

Porém, as expressões visuais não são tão evidentes quando formadas a partir de pensamentos, e assim continua se tornando difícil de acessar o inconsciente, sendo mais fácil realiza-lo através de expressões verbais. Para Freud, pela intermediação das expressões verbais – pela palavra – o pensamento é transformado em percepção, validando a proposição basilar do conhecimento

empírico ou experiencial: todo saber origina-se na percepção externa (FREUD, S. [1923] 1996, XIX, p. 36).

De alguma forma, as representações verbais surgiram de uma percepção externa que foi guardada na memória, deixando de si apenas vestígios, que aparecem como comportamentos cuja razão de ser ignoramos. Todavia, os mecanismos que ocultam essas memórias são desenvolvidos pelo ego, no afã de defender-se de certas imposições do id. Freud destaca a importância do ego:

A importância funcional do Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim, em relação ao Id ele se compara ao cavaleiro que deve por freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, afim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar um ato de vontade do Id, como se fosse a sua própria. (FREUD, S. [1923] 1996, XIX, p. 39).

O ego busca apaziguar-se com o id sem anular-se, porém, há certas circunstâncias em que o id acaba por se sobrepor ao ego, que cede às suas “vontades”. Como instância inconsciente, o id está sempre em busca de satisfação, cabendo ao ego determinar em que medida tais exigências não ferem o princípio de realidade.

3. Os instintos e suas vicissitudes

Os instintos são processos de ordem biológica que dizem respeito às nossas necessidades básicas, como por exemplo, a fome e o desejo de segurança física. Quatro noções cunhadas por Freud são fundamentais para o entendimento da dinâmica instintual: pressão, finalidade, objeto e fonte. A *pressão* (*drang*, em alemão) é uma força que induz o indivíduo, mediante estímulos externos, a buscar o suprimento das suas necessidades. A *finalidade* (*ziel*) nomeia, por associação, a necessidade a ser satisfeita, ou seja, determina o que se deve fazer para aliviar a pressão – é preciso comer para saciar a fome. Para que a fome seja saciada, é necessário que haja comida, que, no caso é o *objeto* (*objekt*) de desejo no momento da fome. Para que exista a fome, é necessário que antes tenha se verificado um processo somático, ocorrido num órgão ou parte do corpo, a *fonte* (*quelle*) como resultado de um estímulo mental ou instintual. Assim, temos que a fome, que é a pressão, surgiu de uma fonte, o estômago, estimulado pelo desejo de comer. Nesse sentido, a fonte é o que desencadeia, no organismo, a representação do instinto. Tal conceito é explicado por:

[...] um estímulo instintual não surge do mundo exterior, mas dentro do próprio organismo. Por esse motivo ele atua diferentemente sobre a mente, e diferentes ações se tornam necessárias para removê-lo. Além disso, tudo que é essencial num estímulo fica encoberto, se presumimos que ele atua com um impacto único, podendo ser removido por uma única ação

conveniente. Um exemplo disso é a fuga motora proveniente da fonte de estimulação. (FREUD, S. [1915] 1996, XIV, p. 124).

Todo instinto surge de uma fonte. Embora Freud a considere em função do organismo físico, é a partir dela que se distinguem os diversos efeitos mentais dependendo do grau de excitação e da ação correspondente para suprimir a excitação – o que aponta para a especificidade dos processos mentais aí envolvidos. O instinto tem necessidade de um objeto, que pode mudar de acordo com o grau de necessidade que vai se manifestando no indivíduo. Isto significa que o foco do instinto pode mudar para outros objetos em busca de obter satisfação.

Freud propõe a distinção entre dois instintos primordiais, que são os *instintos do ego* ou *autopreservativos* e os *instintos sexuais*. Ambos os grupos entram em conflito entre si, revelando, assim, a raiz das neuroses e de outras doenças mentais. Tais instintos são de difícil classificação, mesmo para a psicanálise. Buscam-se, então, contribuições de outros construtos, como a biologia e a sociologia, mas isso não torna essa classificação mais simples. Freud afirma, por exemplo:

A biologia ensina que a sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo, pois suas finalidades ultrapassam o indivíduo e têm como seu conteúdo a produção de novos indivíduos – isto é, a preservação da espécie. (FREUD, S. [1915] 1996, XIV, p. 125).

Porém, é ponto pacífico que as experiências da sexualidade não são meramente de cunho biológico, mas abrangem a área dos sentimentos, das emoções e da vida social e privada do indivíduo. Sendo assim, uma classificação dos instintos estritamente a partir da biologia do ser humano ou de sua consciência, ou seja, do seu eu, torna-se a rigor redutora. No entanto, para a psicanálise, é mais favorável a investigação dos instintos de natureza sexual, que são genitais em seu nascedouro, e libidinais, em sua elaboração mental, pois possuem uma diversificada variação em suas fontes, o que simplifica sua compreensão e finalidade de acordo com cada uma delas. Sobre os instintos sexuais, Freud ressalta:

São numerosos, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa em uma etapa posterior. A finalidade pela qual cada um luta é a consecução do 'prazer do órgão'. Somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como instintos sexuais. (FREUD, S. [1915] 1996, XIV, p. 126).

Os instintos passam por vicissitudes no seu desenvolvimento, que funcionam, de certo modo, como defesas do ego. Tais vicissitudes abordadas por Freud são: a reversão do instinto ao seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo, a repressão e a sublimação. De uma maneira geral, tais processos podem ser entendidos da seguinte forma: a reversão ao oposto diz respeito à substituição da finalidade (amar por odiar, por exemplo); a repressão traduz a coerção do instinto, mediante racionalização do agente crítico (interior ou das vozes emanadas do poder parental); o retorno em direção ao próprio eu (*self*)

consiste na projeção do desejo sobre si mesmo, vendo nos outros uma extensão da própria personalidade; a sublimação remete ao desvio da energia sexual primordial (genital) para finalidades mais elaboradas e aceitas socialmente, como a filantropia e a ciência.

Podemos dizer que o retorno do instinto em direção ao eu (*self*) do indivíduo é parte do processo mental que Grenouille desenvolve em relação aos outros – suas vítimas e a sociedade. O objeto torna-se o eu, isto é, Grenouille projeta o ódio de si mesmo às demais pessoas. Psicanaliticamente falando, a punição que era voltada para o outro, como objeto, retorna ao ego, refletindo o desejo secreto de autopunição, que, de certa forma, induz a uma espécie de prazer quase sadomasoquista. Grenouille, ao fim, mata-se com a própria criação, ao derramar sobre a cabeça todo o perfume do vidro (cuja prescrição metódica para o uso era de uma única gota) e entregar-se em seguida ao ataque dos homens e mulheres à sua volta, que o devoram. Como ressalta Freud ([1915] 1996, XIV, p. 128): “o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo. A voz ativa muda, não para a passiva, mas para a voz reflexiva média”. Ou seja, o ato de sacrificar-se não provoca prazer físico em Grenouille, mas compensa-o como um meio termo, na medida em que põe fim à sua dor.

3.1. Princípio de prazer, de realidade, nirvana & outros

O *princípio de prazer* é constituído pelo id, instância mental primária na qual a energia é voltada apenas para obtenção de satisfação e prazer imediatos, mediante a fuga da dor e do desagradado. O id, como matriz de nossas motivações mais atávicas, é o lugar psíquico onde guardamos nossas memórias e desejos mais obscuros. Porém, essa busca pelo prazer imediato acaba por gerar uma tensão desagradável, podendo ter como consequência a diminuição de prazer e gerar conflitos mentais. Freud, em *Além do princípio de prazer*, observa:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com a evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, S. [1920-1926], 1996, XVIII, p. 20).

O princípio de prazer age de forma predominantemente inconsciente, sem distinguir limites entre o que é certo ou errado segundo a moral social vigente. Tende a buscar a cumprir as mais variadas formas de satisfazer o nosso organismo, porém, muitas dessas formas são inadequadas e com isso o ego, atento ao princípio de realidade, entra em ação, equilibrando a tensão através do balanceamento entre a natureza dos nossos desejos e a possibilidade de realiza-los, dentro de um limite aceitável. Naturalmente, nem sempre este equacionamento é bem sucedido, caindo para o radicalismo, seja ele de caráter hedonista (se bem que hipocritamente disfarçado), seja ele de caráter policialesco e castrador.

O aumento da excitação, isto é, da perturbação instaurada no processo e andamento usuais dos eventos no mundo psíquico, é tido pelo superego como ameaça e, em consequência, a censura entra em conflito aberto com a permissividade total. O ego é chamado a negociar o quantum de prazer que se pode obter da concordância parcial entre agente crítico, instintos e mundo exterior. Surge, então, um tipo de barreira que impede que esse prazer seja completamente abolido; a excitação é mantida em constância, ou apenas com menos intensidade, pois a sua supressão geraria desprazer total. O resultado é uma satisfação regrada, parcial, arduamente negociada e sujeita ao princípio de realidade, para que não ultrapasse os limites da normalidade social. Sendo assim, pode-se dizer que o princípio de prazer não chega a dominar todos os processos mentais, pois nem tudo tende a atingir o prazer, como afirma Freud:

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar (*sic.*) na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido de princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer. (FREUD, S.[1920-1926], 1996, XVIII, p.19)

O *princípio de realidade* é um mecanismo de autopreservação que atua no ego, equilibrando o prazer instintivo e sua privação. Tomando como base os ditames da vida de relação, faz (ou pelo menos a isso se propõe) com que não ultrapassemos os limites éticos e morais do desejo, através da ação consciente, pois sem ele tomaríamos atitudes inadequadas para a vida em sociedade, que trariam sérias consequências à nossa vida pessoal e mental. Ao contrário do princípio de prazer, que busca a satisfação momentânea, o princípio de realidade costuma oportunizar a ratificação por vias mais longas, sem precisar infligir nenhuma regra moral ou social, nem que para isso o indivíduo precise sofrer algumas sanções de desprazer, devendo limitar-se a seguir certas normas que o conduzirão ao objetivo desejado – é o caso, por exemplo, de frequentar a universidade durante vários anos para obter a formatura. No mais, o princípio de realidade revela-se benevolente e realista, permitindo uma obtenção do prazer chancelada socialmente e, portanto, sublimada. Assim escreve Freud:

Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. (FREUD, S.[1920-1926], XVIII, 1996, p.20).

Um processo mental semelhante pode ser observado nas atitudes de Grenouille, que está constantemente buscando o prazer através dos odores. Sentir prazer com os mais diversos odores e fabricar perfumes, aceitando as dificuldades inerentes ao aprendizado, bem como a convivência da sociedade, à qual despreza, consiste no modo pelo qual a personagem se utiliza das injunções da realidade

como meios de instrumentalizar a consecução de seu objetivo maior, a criação do odor definitivo, mapeador de sensações físicas, sentimentos e emoções que seriam a chave do domínio da alma humana.

Porém, oscilando constantemente entre conflitos interiores arrasadores, Grenouille ultrapassara esse limite quando, tempos antes de tornar-se aprendiz do perfumista Baldini, deparara com a jovem parisiense cujo cheiro único, para ele, reunia o significado de todas as sensações e emoções prazerosas de que seria capaz o homem, em corpo e alma. Ainda imaturo, e sentindo que despertara nele um desejo intenso, comparável ao êxtase, não resiste aos impositivos do princípio de prazer e mata a moça, antes que pudesse apreender uma origem ou uma interface compreensível de conhecimento daquilo que o fascinou.

Focado no propósito de reproduzir o odor – ou sua essência – para si, comete novos assassinatos, vitimando outras jovens que possuíam características em comum com a primeira. Na verdade, não sente prazer genuíno ao fazer isso, podendo-se até dizer que o faz como uma etapa necessária, visando exclusivamente a reencontrar a essência perdida, o que efetivamente consegue. Seu verdadeiro intento é o de criar um perfume capaz de induzir as pessoas a sentirem amor e desejo incontroláveis *por ele*, para que, dessa forma, exercendo domínio absoluto sobre todos (as), possa, enfim, obter novamente o prazer vislumbrado apenas uma vez. No final, mesmo logrando a recriação do odor misterioso, não mais revive a exaltação de sentimentos e emoções experimentada apenas uma vez.

No decorrer da narrativa, Grenouille alterna os princípios de realidade e de prazer. Mais velho e experiente, porém, age predominantemente através do princípio de realidade, realizando trabalhos aceitos socialmente, vivendo sem levantar suspeitas. Portanto, vive sob acentuada tensão até conseguir realizar o seu objetivo. Essa tensão é em parte aliviada após ele conseguir realizar o intento de recriar o perfume arduamente perseguido. Este, porém, foi o maior grau de satisfação que pôde obter. Tarefa realizada, tudo perde o sentido, em seguida, uma vez que o resultado obtido não reflete suas expectativas. Entrega-se a sentimentos de angústia e desprazer por sentir-se na posição de objeto de uma relação que o repugna, levando-o a desejar o seu oposto:

Aquilo que desde sempre tinha constituído sua ambição, ou seja, que os outros o amassem, tornava-se-lhe insuportável no instante do sucesso, porque ele não os amava, odiava-os. E apercebeu-se, subitamente, de que jamais encontraria satisfação no amor mas no ódio, o ódio que transmitisse aos outros e que os outros lhe transmitissem. (SÜSKIND, 2010, p. 228).

Psicanaliticamente falando, uma vez atingido o objetivo, numa situação em que o investimento libidinal malogra em seus resultados (ou, melhor dizendo, naquilo que o ego busca auferir através dos resultados), a frustração daí decorrente é tão definitiva e esmagadora que, para o indivíduo colhido nessa conjuntura, sem outros investimentos libidinais que lhe garantam a integridade, já não há motivação plausível, a não ser esperar a morte. Assim esse conceito é explicado abaixo:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o 'princípio do Nirvana', para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato

constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte. (FREUD, S. [1920-1926], XVIII, 1996, p. 31).

O que podemos observar nesse contexto é que os inúmeros conflitos existenciais e sociais ligados à vida de Grenouille se entrecrocaram, e as medidas por ele tomadas para saná-los, visando ao estabelecimento de uma espécie de paz interior, desaguam na compulsão à repetição, que, por um lado, está ligada às vivências traumáticas, fixadas no inconsciente, mesmo que estejam esquecidas, e, por outro, às vivências prazerosas, que o ego tende a reproduzir, buscando reeditar o prazer já experimentado.

Para explicar este processo mental, Freud se reporta à observação de uma criança brincando, quando questiona o porquê da criança realizar certas atitudes, como jogar o brinquedo e depois pedir para alguém busca-lo. O afastamento temporário do brinquedo remete à ausência momentânea da mãe da criança, que sai para trabalhar, mas volta. A criança repete a experiência com o brinquedo, na qual ao jogá-lo e ver-se dele privada, revela um sentimento de desprazer, ao mesmo tempo em que o retorno do brinquedo lhe causa prazer. A atitude repetida de gerar desprazer para logo em seguida gerar prazer com o brinquedo revela uma projeção da presença da mãe em sua ausência, pois a criança sabe que sua mãe, mesmo saindo, retornará depois. Tais repetições também funcionam como um tipo de punição, no momento que a criança joga o brinquedo, é como se estivesse punindo sua mãe; já que ela sai e a deixa, ele tende a fazer o mesmo, mandando-a ir. Essa relação entre o brinquedo e a mãe é explicada abaixo:

Jogar longe o objeto, de maneira a que fosse 'embora', poderia satisfazer o impulso da criança, suprimido na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela. Nesse caso, possuiria significado desafiador: 'Pois bem, então: vá embora! Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora. (FREUD, S. [1920-1926], 1996, p.9).

Partindo desse conceito, podemos dizer que, uma experiência desagradável leva o indivíduo a repeti-la, para revivê-la e controlá-la, seja no que concerne ao seu conteúdo prazeroso, seja no que concerne ao elemento de sofrimento que ela possa comportar. Repeti-la implica em refletir sobre as suas fases, criar e abolir regras, entender outras tantas e, dessa forma, descarregar a tensão interior. No dizer de Freud, quando a criança sai da passividade e ingressa na atividade de jogo, a experiência desagradável é transferida para um dos companheiros de brincadeira, o que lhe permite vingar-se num substituto (FREUD, [1920-1926], XVIII, 1996).

Em *O perfume*, Grenouille repete incessantemente as experiências de seu nascimento e infância, quando foi tratado como um animal indesejável qualquer. Reage, então, desenvolvendo aversão profunda às pessoas. Do mesmo modo, assassinar as jovens poderia remeter a um tipo de vingança contra a sua mãe, por deixá-la a mercê da própria sorte. Como acentua Freud:

Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos. (FREUD, S.[1920-1926], XVIII, 1996, p.31).

As experiências passadas de certo modo impregnam a mente da criança, resultando em consequências futuras imprevisíveis. O fato é que a repetição é um reflexo do desejo de poder causar no outro o mesmo sentimento desagradável que foi causado em si, como numa espécie de vingança. É um sentimento reprimido que tem a necessidade de ‘devolver’ de alguma forma aquilo que lhe foi dado, tendendo a gerar um sentimento de prazer naquele que antes era vítima e agora passa a ter domínio.

3.2. Pulsão de vida e de morte

As pulsões são descritas por Freud como energias voltadas para suprir necessidades orgânicas básicas motivadas por impulsos mentais que se deflagram no corpo. Freud as dividiu em duas categorias, a pulsão de vida e a pulsão de morte. A primeira tem como principal característica a busca do prazer e da satisfação através do investimento libidinal em objetos catexizados, isto é, ‘de interesse’. A segunda, de natureza patológica, se dá pelo movimento contrário, o da cessação do investimento libidinal, resultante da diminuição da busca pelo prazer, ou, ainda, pela busca do prazer através de relações objetais estigmatizadas pela prática social, como o sadismo e o masoquismo.

O aparelho mental é a oficina das pulsões por excelência. Em *O ego e o Id* ([1923-1925] 1996, XIX), Freud o apresenta dividido em três instâncias ou setores da psique humana: o Id, relacionado aos instintos animais básicos e à sua irrestrita satisfação; o Ego, que coordena o relacionamento do indivíduo com o mundo exterior, e o Superego, ou agente crítico, voltado para a censura e o controle (ou repressão) do comportamento instintivo, em consonância com o princípio de realidade. As pulsões de vida e morte, na mitologia grega, são representadas respectivamente por Eros, o deus do amor e do prazer, e por Thanatos, o deus da morte, símbolos que são usados por Freud para ilustrar a teoria das pulsões com mais clareza.

N’ *O perfume*, a busca incessante do protagonista pela obtenção do perfume por ele dito perfeito enquadra-se como comportamento determinado pela pulsão de morte, já que centra a busca do prazer em uma relação objetual que não é sancionada pelas normas sociais, já que pressupõe a necessidade de matar. O foco do desejo de Grenouille é a posse do perfume misterioso que, como um elixir ou uma espécie de poção mágica, seja capaz de modificar os sentimentos das pessoas em relação a ele. Sua obsessão é o controle absoluto da afetividade, para evitar a rejeição e, ao mesmo tempo, humilhar a humanidade que odeia e despreza, tanto quanto a si mesmo.

Poderíamos dizer que o perfume reúne em si características de ambas as pulsões, pois, sendo mortal, e criado a partir da morte, representa o que há de mais sublime e belo no ser humano, sua individualidade. Em Grenouille, sob o signo do agudo conflito interior que o esmaga, o perfume só constitui objeto libidinal – portanto, ligado à pulsão de vida – enquanto se inscreve como projeto a ser perseguido, ainda não concretizado. Uma vez obtido, passada a euforia da descoberta, causa-lhe angústia e repulsa, levando-o a uma efusão de morte – morte de todos aqueles que, por sua abjeção, não mereciam viver, e dele próprio, o criador daquela essência que, buscando perpetuar o melhor da alma humana numa fragrância, trouxera à tona as feras e monstros ocultos pela convenção social.

Grenouille não direciona a morte apenas às jovens que, como sucedâneas de sua mãe, foram suas vítimas. Também condena a todos aqueles que o ‘deixaram’, pela vida afora – pessoas que, de certa forma, lhe davam vida, pois o salvavam do desabrigo e da fome, mas que, também, durante o tempo em que o conservavam consigo, o matavam de todas as maneiras possíveis e imagináveis, através das humilhações, dos maus tratos, da indiferença, do nojo, do desprezo que sequer se preocupavam em disfarçar. O perfume, em sua simbologia espelha tanto a vida quanto a morte, como as duas faces da moeda da interioridade conflitante de seu criador.

3.3. O trauma da rejeição

Grenouille foi rejeitado desde o nascimento, não só por sua mãe, cuja ausência de afetividade julgou desnecessário sequer examinar previamente o seu corpo, antes de atirá-lo ao lixo. Foi igualmente escorraçado por todos os que dele se aproximavam; até mesmo as instituições religiosas que abrigavam enjeitados recusaram-se a recolhê-lo. Miserável, estranho, sempre silencioso e cabisbaixo, era sistematicamente escravizado por aqueles que o acolhiam. Viam-no como menos do que um serviçal, uma besta de carga que conseguia viver sob as circunstâncias mais desumanas (e sub-humanas) possíveis. A rigor, não despertava em ninguém sentimentos de amor ou de ódio; praticamente invisível, apenas causava indiferença ou estranheza. Sua única companhia eram os odores, bons ou ruins, pois através deles travara o seu primeiro contato e todo e qualquer outro subsequente com o mundo.

Não admira, então, que Grenouille também tivesse desenvolvido um forte sentimento de rejeição pelas pessoas, chegando a sentir náuseas quando estavam próximas de si. Porém, paradoxalmente, seu desejo também é o de ser visto e amado por elas. O talento inato para a perfumaria combina-se ao trauma da rejeição e ele parte para conseguir o que não tem, isto é, a essência que lhe abriria as portas do amor dos outros. Vemos aí uma simbologia interessante, expressa na jornada de um anti-herói em busca de si mesmo. Afinal, o que é senão a nossa própria individualidade a porta que dá acesso ao amor dos outros? Ele, entretanto, ao fim, só encontra horror e morte, e continua só, mesmo que os outros o tenham como um deus.

Uma coisa Grenouille não percebeu: a relação das pessoas com ele são um reflexo das relações dele com o mundo exterior. Autocentrado, indiferente a tudo e a todos, antissocial, apático, aparentemente sem ambição ou perspectivas de futuro, inútil ao mundo, no mundo e para o mundo, assim o descreve o narrador neste trecho: “Esse carrapato era Grenouille. Vivia encapsulado em si mesmo, à espera de melhores tempos. Ao mundo não dava senão suas fezes; nenhum sorriso, nenhum brilho nos olhos, nem sequer um cheiro próprio.” (SÜSKIND, 1985, p. 27).

Grenouille não teve pais e nem quem o educasse ou ensinasse os princípios da vida. Ele, então, aprende com suas próprias experiências, por sinal nada agradáveis. Se bem que importantes do ponto de vista da sobrevivência, estas experiências, ao longo da vida, foram danosas para o seu desenvolvimento, tanto social quanto mental e cognitivo. Assim, se a experiência vivida é de isolamento, para Grenouille o aprendizado correspondente deve ser o da solidão; para o mau trato, a prudência; para a indiferença, o alheamento.

Tais experiências são essenciais para atingir o estágio final de desenvolvimento. No que concerne ao nível comportamental, por exemplo, a aquisição de habilidade cognitiva ou social só ocorrerá à medida que o indivíduo for exposto a experiências indutivas. Esse é o caso do aprendizado de línguas, no qual a criança aprende a falar a língua que foi exposta durante o curso do seu desenvolvimento. (DESSEN & COSTA JUNIOR, 2005, p. 27)

Abandonado por todos e negligenciado pelos que se utilizam de seu trabalho, o mundo passa a ser, para Grenouille, um ambiente cujos estímulos o situam restritivamente no jogo da vida. Assim, como não falavam com ele na infância, só tardiamente aprende a falar, premido pelas circunstâncias; como não se preocupavam com as suas necessidades, ele não desenvolve empatia; como o desprezavam, ele a todos despreza indistintamente. Despreza-se inclusive a si mesmo, por constatar a própria incapacidade de despertar qualquer sentimento bom nas pessoas. Sintetizar o perfume é uma forma de provar para si mesmo que pode fazer algo que reverta tal situação.

3.4. O matador, suas vítimas e as essências

Grenouille não possuía nenhum vínculo com as jovens assassinadas por ele, a não ser o desejo de possuir para si o que ele chamava de ‘suas essências odoríferas’. Assim, elas nada mais eram para ele do que flores, cada uma possuidora de um odor diferente, capaz de despertar os mais diversos sentimentos e sensações. Tais jovens tinham como traço comum o fato de serem ruivas e virgens. Ruivas, porque era ruiva a sua primeira vítima, em quem sentiu pela primeira vez o odor que procurava (inadvertidamente matou-a sem que pudesse recolher a sua essência, e assim tentava repetir o processo a todo custo). Virgens, pois acreditava que o ato sexual modificaria os odores das moças, arruinando a coleta. As vítimas, portanto, eram minunciosamente escolhidas, exaustivamente observadas.

Acreditamos que a relação do assassino com suas vítimas possa ser entendida como uma revivescência de sua relação com a mãe, nelas projetada. Por mais que ele não se lembre dos fatos ocorridos, seu subconsciente reage, e de alguma forma ele procura puni-la com a morte por abandoná-lo. Considerando que o objetivo do perfume é despertar um amor tão intenso que o afastamento do ser amado seja insuportável, projetar sua mãe nas moças assassinadas seria uma forma de reconhecer não em si, mas na mãe, a fonte do amor que nunca pôde ter, e cuja privação o fere para além de sua capacidade de suportá-la.

Quanto ao cheiro exalado pelas moças, não podemos deixar de pensar na hipótese de que, no caso da percepção de Grenouille desses odores, trata-se de uma memória olfativa que ele tem da mãe e do momento do nascimento. Dessa forma, perseguir esse cheiro elusivo, indefinível, consiste numa experiência revestida de grande carga emocional:

A partir da sensação, o odor é memorizado num processo de aprendizado, sendo importante na seleção alimentar e em processos e experiências emocionais. O aprendizado olfativo está relacionado diretamente com as experiências individuais e as coletivas, podendo alterar estados afetivos e relacionar-se ao comportamento social e sexual. Assim, memórias evocadas

através de odores são distintas de outras, em razão da sua grande potência emocional (HERZ, 1998, apud BARBEITOS, 2010, p.2).

Süskind ressalta: “O poder de convicção do aroma não pode ser descartado, entra dentro de nós como ar em nossos pulmões, nos ocupa completamente, não há antídoto contra ele.” (p. 84). Em outras palavras, o perfume, sucedâneo de seu objeto mais desejado – a capacidade de se fazer amar como a mãe não o amou – não está destinado a atuar apenas sobre os outros, mas, sobretudo, nele também, como não poderia deixar de ser. Sua capacidade olfativa diz do desejo reprimido e inconsciente que vem à tona. Podemos concluir que, de uma maneira geral, a convivência com os outros nos obriga a esconder certos segredos, mas, para a nossa dor e desgraça, não nos impede de termos acesso a eles, mesmo que seja à nossa revelia.

3.5. A divindade Grenouille

Os efeitos causados pelo perfume criado por Grenouille vão muito além de provocar reações de amor e paixão nas pessoas. E refletir sobre estes efeitos traz à luz uma questão bem mais complexa, que é a do apego às crenças. Condenado à morte pelos vários assassinatos perpetrados, Grenouille, enojado consigo mesmo e com a hipocrisia da sociedade à sua volta, que o toma como bode expiatório de suas próprias misérias, decide levar consigo todos aqueles que pudesse atingir com o plano que elabora como uma espécie de Nêmesis: antes de sair para a execução, derrama sobre o corpo o restante do perfume que conserva consigo. Apenas uma ou duas gotas bastariam para controlar as mentes de todos. Sob a overdose da essência, as pessoas em volta de Grenouille enlouquecem e lhe votam, a princípio, um misto de adoração e devoção irracionais, passando a considera-lo como sendo o próprio Deus:

[...] e o bispo balouçava o tronco para diante como se estivesse agoniado e batia com a fronte nos joelhos, até que o chapeuzinho verde rolou por terra; mas não estava de forma alguma agoniado, sendo apenas aquela primeira vez na vida que conhecia o êxtase místico, porque um milagre acontecera aos olhos de todos e o próprio Deus havia paralisado o braço do carrasco, revelando ao mundo que aquele que se julgava ser um criminoso, era um anjo. (SÜSKIND, 2010, p. 226).

Assim como a mente das pessoas, o efeito causado pelo perfume tem natureza contraditória. Ao êxtase divino sucede-se o despertar da barbaridade mais rasteira e dos instintos mais baixos. Mas, antes que isso aconteça, o sequestro do princípio de realidade e o afrouxamento da percepção racional e acurada do mundo desabilitam importantes mecanismos de autodefesa do ego, reforçando as carências interiores de todos. Grenouille, desta forma, torna-se a resposta para todos os dilemas, o preenchimento de todas as necessidades, a realização de todas as esperanças, o objeto de todos os desejos:

Todos consideravam o homem da casaca azul como o ser mais belo, mais sedutor e mais perfeito que poderiam imaginar: as freiras viam nele o

Salvador em pessoa; os adeptos de Satã, o radioso príncipe das trevas; os filósofos, o Ente supremo; as jovens, um príncipe encantado; os homens, um reflexo ideal de si próprios. E todos se sentiam postos a nu e tocados no ponto mais sensível, no próprio centro do seu erotismo. Era como se este homem possuísse mil mãos invisíveis, e, em cada uma das dez mil pessoas que o rodeavam, tivesse colocado a mão no sexo e o acariciasse da forma que todos eles, homens e mulheres, haviam desejado nas suas fantasias mais secretas. (SÜSKIND, 2010, p. 226).

Freud, em *O futuro de uma ilusão* (1927-1931), questiona-se sobre como agiríamos se não houvessem as proibições, regras sociais e religiões, que funcionam como dispositivos de coerção e controle criados pela cultura. O ser humano, embora movido pelos instintos, vê-se na conjuntura de ter que reprimi-los, o que ele lamenta, mas aceita em troca das vantagens da vida civilizada:

Os deuses conservam a sua tripla tarefa: afastar os pavores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, em especial como ela se mostra na morte, e recompensá-los pelos sofrimentos e privações que a convivência na cultura lhes impõe. (FREUD, S. 2012, p. 59).

Sujeito à embriaguez do perfume, Grenouille, na verdade, é tão vulnerável e prisioneiro de si mesmo como os demais, embora se veja na condição de superhumano, um deus capaz de interferir nas convicções alheias a ponto de alijar as pessoas de seus pudores mais arraigados e modificar a relação delas com a noção de certo e errado, proibido e permitido. Grenouille é o deus que não proíbe, não inibe, e que, pelo menos aparentemente, não pune. Dizemos *aparentemente* porque a rigor não é pela liberalidade do comportamento permissivo que sua “justiça” abaterá os culpados, mas pela sua vileza, corrupção, maldade, hipocrisia, cobiça, inveja e insensibilidade. Ao excitar os instintos mais rasteiros daquela canalha, bem como as suas fraquezas mais secretas, deseja expô-la, para que apareça como realmente é, merecedora da aniquilação que ele lhe reserva. Colocando-se no mesmo patamar, compartilha o destino final dos “fiéis” com a mesma autoconsciência do pai que se reconhece responsável pelos erros dos filhos.

3.6. Dicotomia do perfume: os desejos perigosos

Como percebemos, o perfume, em sua essência, é repleto de dualidades: vida e morte, suavidade e acrimônia, riqueza e pobreza, inocência e hipocrisia. Esse mundo dualista reflete a personalidade de Grenouille, pois assim ele é, ao mesmo tempo gênio e insano. Essa dualidade não está só no próprio Grenouille, ou no perfume, sua criação, mas também em todo o ambiente que o cerca, na grande cidade de seu nascimento, a Paris do século XVIII, que, considerada, ao mesmo tempo, um local sujo e fétido, também reunia, ironicamente, os melhores perfumistas e os perfumes mais cobiçados do mundo. Assim, era apelidada de duas formas: “Cidade do Lodo” e “Corte Perfumada”, o que de certa forma também determinava mais diretamente a divisão de classes (enquanto sugeria veladamente outra divisão mais sutil, a do status moral), como destacado abaixo:

[...] considerando ser Paris a cidade da “corte perfumada” ao mesmo tempo em que era apelidada de “cidade do lodo”, pode-se afirmar que o elemento da distinção social esteve desde sempre presente: o cheiro da aristocracia era diferente do dos trabalhadores. (NERY, 2015, p.214)

É nesse contexto de duplicidade que a trajetória de Grenouille é traçada, indo do seu nascimento, num ambiente sujo e sem a mínima condição de sobrevivência, passando por seu trabalho num curtume, até seus dias de aprendiz de perfumista. Também esta trajetória inscreve-se sob o signo da duplicidade. Quando, a serviço do curtume, no qual desempenhava as tarefas de uma espécie de escravo faz-tudo, entra em contato, na qualidade de entregador de mercadorias, com os perfumistas Baldini e Pélissier, o primeiro encontra-se já decadente e atrasado em relação às novas tendências. O segundo está no auge e é um inovador na arte de criar as novas fragrâncias da época, sendo bem sucedido com seu novo perfume “Amor e Psique”. A expressão “Amor e Psique” equivale a “Eros e Psique”, uma vez que, na mitologia grega, Eros é o nome dado ao deus do Amor.

O sucesso de Pélissier desperta a cobiça de Baldini, levando-o a tentar, sem sucesso, usurpar a fórmula do famoso perfume. Neste interstício conflituoso, Grenouille vê a oportunidade de abandonar os dias de escravidão no curtume e tornar-se aprendiz de perfumista. Rouba então a fórmula de Pélissier usando apenas o seu olfato privilegiado e consegue reproduzir “Amor e Psique” ainda melhor do que o original, o que desperta o interesse dos ricos compradores, e, em consequência, a prosperidade de Baldini que a deve exclusivamente a Grenouille. No entanto, apesar de prosperar, Baldini morre misteriosamente pouco tempo depois. Grenouille trouxe-lhe a riqueza, mas, ao mesmo tempo, a morte, circunstância que, via de regra, tem lugar em relação às pessoas com quem ele tem qualquer espécie de relacionamento, embora não possa ser provada a sua culpabilidade na morte de qualquer uma delas.

Grenouille não só trouxe a morte para a sua mãe, para Baldini e para as jovens das quais ele tirava aquilo que denominava de suas ‘essências’, mas para qualquer um que tenha passado por sua vida de forma que deixar marcas – via de regra, negativas. É o caso de Madame Gaillard, que o adotou quando ninguém mais o queria, devido à sua falta de odor corporal (diziam que ele não cheirava como uma criança e nem como nada). A madrasta, por não possuir olfato, não se importava com este fato. Porém, cedo passou a coloca-lo para trabalhar no pesado e a acusá-lo de provocar prejuízos financeiros, alegando que o garoto comia muito e bebia leite em demasia, o que roía as suas finanças. Vendeu-o a Grimal, o dono do curtume, que o tratava, segundo o narrador, “já não o tratava como a qualquer animal, mas como a um animal doméstico de utilidade” (p.35). Tais pessoas, que lhe deram o pão, mas não lhe deram nenhum afeto, antes o trataram abaixo da dignidade humana, dele se servindo segundo interesses particulares, encontraram posteriormente a morte, em diferentes circunstâncias.

Como percebemos, a vida das pessoas que se envolvem com Grenouille esvai-se com a mesma volatilidade que um perfume, evaporando-se por um vidro aberto: aqueles que o usam dele retiram o quanto podem, enquanto a ele tem acesso, mas também pagam um alto preço por isso; a solicitude de Grenouille, mesmo forçada pelas circunstâncias, vale tanto quanto uma essência rara, da qual os seus usuários têm pouca ou nenhuma consciência. Apesar dessas pessoas não terem nenhuma relação com o perfume que Grenouille almeja, elas se tornam parte

do seu eu, de sua essência moral e, em consequência, do seu desprezo: elas se tronam conhecimento. Seu perfume – leia-se, aquilo que exalam em aparência – ao mesmo tempo revela-se moral para apontar o que trazem em si de *imoral*. Esconde, mas não destrói os maus odores da alma; induz á sedução, enquanto falsamente promete o amor; mostra inapelavelmente ao observador atento e despido de ilusões o lado mais animalesco e mais horrível daqueles que tentam esconder sua verdadeira face:

[...] simples efeito de aparência, o perfume pode ser enganador. [...] O artifício do perfume parece situar-se, de resto, nos antípodas do espírito burguês, em breve triunfante. Esvai-se, evapora-se, simbolizando a dilapidação e a perda. Além de ser um produto de adorno, é um produto evanescente. Desperdiça-se. É dissipação, volatilidade fugaz e sem retorno. O inverso da acumulação e do enriquecimento. (VIGARELLO, 1988, p. 111, apud NERY, 2015, p. 215).

Os cheiros, para Grenouille, não são apenas fatores de percepção ligados ao olfato, eles são reveladores do que é imponderável na *psique* humana. É pelo cheiro que ele identifica a personalidade de alguém, ou até mesmo os seus mais íntimos pensamentos e sentimentos, podendo prever o perigo, entrever o medo e até mesmo detectar mentiras. Além disso, acreditamos que o cheiro, mesmo que inconscientemente, lhe desperta a memória, trazendo ao presente o abandono materno e de todos, assim como os maus tratos e o descaso recebidos, numa série de eventos passados, de natureza marcante, que afluem à consciência como ódio primordial pela mãe, revelado no desprezo e no nojo devotados à sociedade. O posicionamento de Barbeitos reflete a dinâmica entre a memória e cheiro, que, segundo defendemos, informa a relação de Grenouille entre a lembrança consciente e inconsciente e a confecção dos seus perfumes:

Pela percepção olfativa, identificamos odores, discriminando-os e, finalmente, memorizando-os, além de lhes dar um significado pessoal. Fez assim Marcel Duchamp (1887 – 1968), artista revolucionário para a sua época, captando dentro de um frasco a atmosfera parisiense. A França, considerada o país pioneiro na criação de fragrâncias sofisticadas, processadas em destilarias e indústrias, demarca fronteiras olfativas. (BARBEITOS, 2010, p.2)

Foi mediante esses estímulos e habilidades individuais incomuns que Grenouille captou os odores de outras jovens, que evocavam o cheiro da primeira de suas jovens vítimas femininas. Tal odor lhe causou tamanho fascínio, que ele queria obtê-lo para sempre, perpetuá-lo, guardando-o, assim, na memória e podendo reproduzi-lo sempre que desejasse, delas retirando, após a morte, e segundo um intrincado processo que se assemelha à técnica da *enfleuragem*, a essência preciosa desejada. A técnica da *enfleuragem*, *enfloração* ou *enfleurage*, utilizada por Grenouille define-se da seguinte forma:

na extração a frio de óleos essenciais de flores delicadas e sensíveis ao calor e que possuem baixo teor de óleo. Basicamente consiste em colocar camadas das pétalas de flores frescas sobre cera em uma placa de vidro. Todos os dias essa camada de flores é trocada por uma nova e, lentamente, a cera extrai esses componentes aromáticos, sendo

posteriormente filtrada e destilada em baixa temperatura. O líquido oleoso obtido é misturado a álcool e novamente destilado (FOGAÇA, 2019, s/n)

Grenouille adapta o procedimento às suas possibilidades e circunstâncias, como se pode ver pela descrição abaixo:

Abriu a mochila, de onde retirou o pano de linho, a pomada e a espátula, desdobrou o pano sobre a manta onde se tinha estendido e começou a impregná-lo de pasta gordurosa. Era uma tarefa morosa, na medida em que se tornava necessário que a camada de gordura fosse mais espessa em alguns lugares e menos noutros, segundo a parte do corpo com o qual estaria em contato. A boca e as axilas, os seios, o sexo e os pés forneceriam elementos mais odoríficos do que, por exemplo, as pernas, as costas ou os cotovelos; as palmas das mãos, mais do que as costas; as sobranceiras, mais do que as pálpebras, etc., Grenouille traçou, pois, no pano, uma espécie de diagrama olfativo do corpo a tratar, e esta faceta do trabalho era, na realidade, a mais satisfatória, dado tratar-se de uma técnica artística que utilizava em idênticas proporções os sentidos, a imaginação e as mãos, proporcionando, além do mais, o prazer antecipado que forneceria o resultado final. (SÜSKIND, 2010, p. 205)

As moças, por analogia, são as contrapartes das flores. Do mesmo modo, por mais marcante que seja a sua beleza no início do processo, ao término do mesmo não passavam, para ele, de simples pétalas murchas e mortas, pelas quais não sentia o mínimo desejo. A extração da essência, a ser feita de forma impecável, constitui o único objetivo relevante, razão pela qual a visão que o narrador oferece do assassinato de uma das jovens assume feição de descrição de um processo em minuciosas etapas:

Desdobrou o pano e deslocou-o da morta, como se fosse um emplastro. A gordura separava-se bem da pele. Havia apenas nos recantos alguns restos que permaneciam colados e que ele teve que raspar com a espátula. Limpou os outros vestígios de pomada com a própria combinação de Laure, com a qual lhe friccionou, por fim, o corpo da cabeça aos pés, tão conscientemente, que se lhe formaram na pele mínimos grãos de sebo, contendo as últimas migalhas e a última poeira do perfume. Só agora ela estava, de facto, morta para ele, murcha, pálida e amolecida como restos de flores. (SÜSKIND, 2019, p.210)

A relação de Grenouille com os odores não só tem a ver com o fato dele possuir uma sensibilidade aguçada para distinguir os mais diversos aromas, mas, também, por ser através deles que a personagem consegue saber detalhes acerca da personalidade, das emoções, bem como dos estados de saúde e psicológico peculiares a uma determinada pessoa, entre muitas outras coisas.

Grenouille não possui ambições ou aspirações como as tem a maioria das pessoas à sua volta. Trabalhava exaustivamente, fazendo de tudo, mas apenas para sobreviver, distanciado, inclusive pelas condições de vida adversas, do propósito de constituir família ou fazer fortuna. Porém, sua perspectiva muda quando percebe em sua sensibilidade extraordinária a chave para a possibilidade de se tornar um perfumista, o que vai de encontro à sua maior paixão, a de descobrir a essência da alma humana, como se buscasse conhecer tudo o que pudesse sobre aquilo que

mais odeia. Nessa faina, que então tem início, parece, de certa forma, sublimar impulsos de ódio e agressão temporariamente, sustando conflitos internos em favor da própria instrumentalização para a nova atividade, que exige dedicação e aprendizado persistente. O objeto da relação deixa de ser, por algum tempo, a satisfação do impulso sexual destrutivo, movido pelo ódio, para se converter na aquisição de conhecimento e instrução (mas não se deve esquecer de que isso ocorre em função do objetivo fundamental de Grenouille, o de sujeitar a humanidade ao seu fascínio e ser visto por ela como se fosse um deus). Fadman e Frager definem a sublimação nestes termos:

A sublimação é um processo através do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direcionado para novas finalidades, com frequência metas artísticas, intelectuais e culturais. [...] Podemos comparar a energia original de um rio que inunda, destruindo casas e propriedades. Para evitar isso, a barragem é construída. A destruição não pode mais ocorrer, mas a pressão se desenvolve atrás do dique, ameaçando danos ainda maiores se, em qualquer ocasião, a barreira romper-se. A sublimação é a construção de canais alternativos que, por sua vez, podem ser usados para gerar energia elétrica, irrigar áreas outrora áridas, criar parques e oferecer outras oportunidades recreativas. A energia original do rio foi desviada com sucesso para canais socialmente aceitáveis ou culturalmente sancionados. (FADMAN e FRAGER, 1986, p. 18)

Pouco antes de tornar-se aprendiz de perfumista, Grenouille vivencia uma experiência vital para ele, que determinaria o curso de toda a sua vida posterior, inclusive a convivência com o mestre perfumista, Baldini. Percebe, pela primeira vez, numa jovem que caminha na rua, sem saber definir o que seja, o aroma intrínseco à essência do ser humano, o que o deixa tão extasiado a ponto de transformar a sua captura em um perfume no principal objetivo a ser alcançado na sua vida dali em diante. Aquela seria a primeira vítima de Grenouille. O narrador descreve a cena, que tem lugar em uma de suas muitas andanças pela capital francesa:

Já se preparava para virar as costas [...], a fim de regressar, ao longo do Museu do Louvre, quando o vento lhe trouxe algo: algo minúsculo, quase imperceptível, uma migalhinha, um átomo de odor e até menos. Era mais o pressentimento de um perfume do que um perfume verdadeiro, e, no entanto, ao mesmo tempo o pressentimento infalível de algo que jamais havia cheirado. Voltou a encostar à parede, fechou os olhos e dilatou as narinas. O perfume era tão extraordinariamente suave e sutil que não conseguia retê-lo. O perfume furtava-se incessantemente à sua percepção, a pólvora dos petardos sobrepunha-se-lhe, era bloqueado pela transpiração desta massa humana, esmagado e reduzido ao nada pelos mil restantes odores da cidade. De súbito, no entanto, reaparecia, como um farrapinho, sensível ao olfato pelo espaço de um fugaz segundo no máximo, um maravilhoso antegosto...que logo voltava a desaparecer. Grenouille vivia uma tortura. Pela primeira vez, não era somente o seu temperamento ávido a suportar um agravo, mas seu coração que sofria. Tinha a estranha premonição de que neste perfume residia a chave da ordem onde regia todos os outros perfumes e que nada se compreendia de perfumes, caso não se compreendesse este; e ele, Grenouille, destruiria toda a sua existência se não conseguisse possuí-lo. Impunha-se que o tivesse, não apenas pelo simples prazer de possuí-lo, mas para assegurar a sua tranquilidade de espírito. (SÜSKIND, 2010, pp.40-41)

Até então, nada lhe importa; tudo, incluindo principalmente a humanidade, é desprezível. Não há nenhum objetivo a alcançar que não seja a própria sobrevivência. Porém, paradoxalmente, neste momento, o seu desprezo pelo ser humano se torna irrelevante, pois o novo odor, emanado de um ser humano, torna-se mais importante do que qualquer outra coisa no mundo, até do que ele mesmo. Possuir o segredo de reproduzir tal odor, e, com ele, obter domínio sobre a natureza humana, domando-a, sujeitando-a, depois de ter sido por ela repellido e vilipendiado, como um animal pestilento e mal cheiroso, passa a ser o seu mais íntimo e precioso objeto de desejo. Com base nesta informação, explicamos a afirmação que fizemos anteriormente sobre ser apenas aparente o exercício sublimatório dos instintos, que Grenouille ensaia ao aproveitar a oportunidade de aprender o ofício de perfumista: uma vez que o investimento libidinal é realizado, ou seja, uma vez catexizada, a libido já não pode deslocar-se para outro objeto, tomando-o como o seu principal – o que não significa que não possa adotar objetos secundários, que atuam em função do objeto principal:

Catexia é o processo pelo qual a energia libidinal disponível na psique é vinculada a ou investida na representação mental de uma pessoa, ideia ou coisa. A libido que foi catexizada perde a sua mobilidade original e não pode mais mover-se em direção a novos objetos. Está enraizada em qualquer parte da psique que a atraiu e segurou. (FADMAN e FRAGER, 1986, p.10).

O aroma fortuitamente descoberto representa para Grenouille um novo motivo para viver. Sua captura em uma fragrância a ser encerrada num frasco passa a ser um desafio a cumprir, o cerne de uma motivação que ele até então não possuía, pelo menos conscientemente. Considerar que a fonte do prazer, físico e psíquico, representada no aroma desconhecido é o corpo humano e, por extensão, o ser humano, ambos desprezíveis para ele, dá causa – e forma – a mais um conflito que se inscreve em sua alma: como o abjeto, o imundo, o desprezível, pode produzir sublimidade?

A vida de Grenouille é marcada por contrastes: tem seu início num lugar mal cheiroso, sujo e pobre, para terminar em meio aos ambientes refinados e aos ricos, e mais, em Paris, o mais importante polo da perfumaria mundial. As pessoas com quem ele divide a cena são por ele consideradas escória; em seu domínio e habitat reinam a hipocrisia e a maldade. No extremo oposto, estavam as belas jovens que possuíam a *essência* representativa da pureza e do amor, que, num certo sentido, refletiam a contraparte contrária de Grenouille, ardentemente desejada. Ele o negava a si mesmo, mas queria, na verdade, encontrar-se. Cada morte representa simbolicamente uma morte do seu eu aparente, horripilante, asqueroso, ao encontro do seu verdadeiro eu, belo e irresistível.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos ajudou a compreender melhor as relações do nosso psíquico com nós mesmos e com o mundo. O personagem objeto desta análise, Grenouille, retrata bem esta complexidade relacionada ao mundo e a nós mesmos. Embarcar na sua mente através da psicanálise, nos levou a entender que o ser

humano ao enfrentar frustrações durante sua vida procura lidar com elas das mais diversas formas, sendo boas ou não.

Grenouille tinha sua forma de lidar com suas frustrações e questões existenciais, mesmo que tragicamente, no entanto, observamos um ser com capacidades além do normal, e que usava ao seu favor. Um gênio, que assim como muitos outros, utilizam-se dos seus talentos para se realizarem de alguma forma. Essas questões são difíceis de serem explicadas, mas podemos tentar entendê-las com base em teorias da mente.

As contribuições dos estudos freudianos foram da maior importância nesta pesquisa, pois nos ajudaram a ter uma compreensão melhor dos aspectos mentais do personagem, visto até então, de forma superficial, apenas como um assassino de mulheres. Com isto, entendemos que a melhor forma de compreender como funciona a mente é estudando sobre ela.

Diante de todos os fatos, podemos dizer que tentar compreender a mente de um personagem um ser criado não é fácil, por haver muitas controvérsias, mas nos leva a abriremos nossa mente para questionarmos e compreendermos muitas questões da vida. E a contribuição da psicanálise na literatura nos leva a termos uma visão mais ampla da mente, seja de um personagem ficcional ou real.

5. REFERÊNCIAS

BARBEITOS, Carmo Lédna Pereira, **Percepção do olfato**: folhas que não guardei. Disponível em < www.revistaohun.ufba.br/pdf/ledna/.pdf >. Acesso: 18/03/2019
DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JUNIOR, Aderson L. **A ciência do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: HERBRA, 1986.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: _____. **Obras completas**. Edição Standard Brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: LP&M, 2012.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: _____. **Obras completas**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: _____. **Obras completas**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Edição Standard Brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. In: _____. **Obras completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. A repressão. In: _____. **Obras Psicológicas completas**. Edição Standard Brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A repressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. **Extração de óleos essenciais das plantas**.

Disponível em: <<https://alunosonline.uol.com.br/quimica/extracao-oleos-essenciais-das-plantas.html>>. Acesso em: 2/04/2019.

NERY, Salete. **O perfume e o perfumista**: um “olhar” sobre os aromas para uso pessoal no século XVIII a partir da história de um assassino. [s.i.]: AICEU, v.15, n.30, p. 211-226, jan./jun. 2015.

SÜSKIND, Patrick. **O perfume**: História de um assassino. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SÜSKIND, Patrick. **O perfume**: História de um assassino. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a minha formação.

A minha mãe (*in memoriam*), por toda a dedicação e apoio, que apesar das dificuldades nunca deixou que eu desistisse dos meus sonhos, e me deu a mão nos momentos mais difíceis.

A minha família, por colaborar direta ou indiretamente para que eu não desistisse.

Aos colegas de sala que foram importantes nesta caminhada, na qual vivenciamos juntos as angústias e alegrias da vida acadêmica, em especial, àqueles que sempre estiveram ao meu lado: Joselânia, Lidiane, Meirilane, Andréia, Andressa, Edcleide, Gilmar e Robson(Binho).

A minha orientadora, Profa. Dra. Rosângela Queiroz, por seu profissionalismo, dedicação e paciência.

A banca, formada pela Profa. Dra. Ana Lúcia e pelo Prof. Dr. Luciano Justino, por terem aceitado o convite e por terem feito parte da minha vida acadêmica.

A Priscilla Rodrigues, pela amizade, pois, mesmo à distância, sempre esteve ao meu lado.

A Kelven, pela paciência e por sempre estar ao meu lado.

E a todas as pessoas que não citei, mas que de alguma forma estiveram presentes na minha vida acadêmica e pessoal.